

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas 2



 **Atena**
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas 2 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-293-7

DOI 10.22533/at.ed.937192604

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 307

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os textos são um convite a leitura e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, particulares e públicas, federais e estaduais, distribuídas entre vários estados, socializando o acesso a estes importantes resultados de pesquisas.

Os artigos foram organizados e distribuídos nos 5 volumes que compõe esta coleção, que tem por objetivo, apresentar resultados de pesquisas que envolvam a investigação científica na área das Ciências Sociais Aplicadas, sobretudo, que envolvam particularmente pesquisas em Administração e Urbanismo, Ciências Contábeis, Ciência da Informação, Direito, Planejamento Rural e Urbano e Serviço Social.

Neste 2º volume, reuni o total de 24 artigos que dialogam com o leitor sobre temas que envolvem direito e educação, direito social, currículo escolar, desafios gerenciais, gestão de segurança, trabalho e saúde, relatos de experiência, tecnologias, homofobia, educação especial e “jovens rurais”. São temas diversos que propõe um olhar mais amplo dentro das possibilidades das Ciências Sociais Aplicadas.

Assim fechamos este 2º volume do livro “A produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas” e esperamos poder contribuir com o campo acadêmico e científico, trabalhando sempre para a disseminação do conhecimento científico.

Boa leitura!

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EDUCAÇÃO PERMANENTE DOS PROFISSIONAIS DE SERVIÇO SOCIAL À LUZ DA NORMA OPERACIONAL BÁSICA DE RECURSOS HUMANOS DO SISTEMA ÚNICO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL	
Nilsen Aparecida Vieira Marcondes Elisa Maria Andrade Brisola Edna Maria Querido de Oliveira Chamon	
DOI 10.22533/at.ed.9371926041	
CAPÍTULO 2	21
A ESCOLA E A EDUCAÇÃO DE MENINAS NA PERSPECTIVA DE MARY DASCOMB	
Jamilly Nicácio Nicolete	
DOI 10.22533/at.ed.9371926042	
CAPÍTULO 3	34
A PROMOÇÃO DO DIREITO SOCIAL À EDUCAÇÃO DECOLONIAL PELA ESCOLA DE SAMBA BEIJA FLOR DE NILÓPOLIS NO DESFILE DE 2018: CRÍTICA LITERÁRIA E SOCIAL	
Aline Lourenço de Ornel Andreia Lourenço de Ornel	
DOI 10.22533/at.ed.9371926043	
CAPÍTULO 4	49
APONTAMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO NO ATUAL CONTEXTO BRASILEIRO E O CURRÍCULO ESCOLAR	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.9371926044	
CAPÍTULO 5	61
CAPITAL INTELECTUAL COMO FATOR PARA OBTENÇÃO DE VANTAGENS COMPETITIVAS	
Danilson Costa do Nascimento Gilson Scholl Pires	
DOI 10.22533/at.ed.9371926045	
CAPÍTULO 6	69
CURRÍCULO E RESISTÊNCIA: MEDITAÇÃO E PRÁTICAS ORIENTAIS NA ESCOLA	
Kátia Batista Martins Julia Salido Alves Paula Negreiros de Azeredo	
DOI 10.22533/at.ed.9371926046	
CAPÍTULO 7	81
DESAFIOS GERENCIAIS DO SISTEMA DE SAÚDE DA MARINHA CONSIDERANDO O NOVO REGIME FISCAL, O AUMENTO DA EXPECTATIVA DE VIDA E A VARIAÇÃO DE CUSTOS MÉDICO-HOSPITALARES	
Jefferson Davi Ferreira dos Santos Murilo Mac Cord Medina	
DOI 10.22533/at.ed.9371926047	

CAPÍTULO 8	100
DESCOBRINDO A SI MESMO: COMO A IMAGEM CORPORAL CONTRIBUI PARA A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NA ADOLESCÊNCIA?	
Camila Ribeiro Menotti	
DOI 10.22533/at.ed.9371926048	
CAPÍTULO 9	106
EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE NAS ESCOLAS EM PORTUGAL: ANÁLISE DOCUMENTAL SOBRE SUA TRAJETÓRIA E SUAS AÇÕES	
Ana Cláudia Bortolozzi Maia Teresa Vilaça	
DOI 10.22533/at.ed.9371926049	
CAPÍTULO 10	120
FERRAMENTAS E TÉCNICAS DE GERENCIAMENTO DE PROJETOS APLICADAS NA GESTÃO DA SEGURANÇA E SAÚDE DO TRABALHO NA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL	
Ana Lúcia Andrade Tomich Ottoni Altamir Fernandes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.93719260410	
CAPÍTULO 11	138
GENERIFICAÇÃO PATRIARCAL: DISTINÇÃO E GÊNESE SÓCIO-HISTÓRICA DO CAMPO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL	
Ana Tereza da Silva Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.93719260411	
CAPÍTULO 12	154
JUVENTUDE, TRABALHO E EDUCAÇÃO	
Roseane de Aguiar Lisboa Narciso	
DOI 10.22533/at.ed.93719260412	
CAPÍTULO 13	166
O CONSUMO DE STATUS E SUA RELAÇÃO COM A FELICIDADE SOB A ÓTICA DE ALUNOS DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR	
Alexandre Cappellozza Glauco Carvalho Campos Maria da Conceição Medeiros Raquel Teixeira Vianna de Paula Rogério Teixeira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.93719260413	
CAPÍTULO 14	179
O CUIDADO INDIVIDUALIZADO AO PACIENTE HOMOSSEXUAL PORTADOR DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Alexia Camargo Knapp de Moura Juliana de Paula Teixeira Karen Domingues Gonzales Lílian Moura de Lima Spagnolo	
DOI 10.22533/at.ed.93719260414	

CAPÍTULO 15	194
O IMPACTO DA GESTÃO DE SAÚDE E SEGURANÇA DO TRABALHO NA SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL	
Paula Zanforlin Camargo Ana Beatriz Pereira Eliane Cristina de Antonio	
DOI 10.22533/at.ed.93719260415	
CAPÍTULO 16	200
O SILENCIAMENTO DA ESCOLA FRENTE A HOMOFOBIA	
Helder Júnio de Souza Adla Betsaida Martins Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.93719260416	
CAPÍTULO 17	213
REFLEXÕES SOBRE A GESTÃO DEMOCRÁTICO-PARTICIPATIVA NA ESCOLA PÚBLICA	
Andrea Oliveira D'Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.93719260417	
CAPÍTULO 18	223
REFLEXÕES SOBRE CIBERCULTURA E EDUCAÇÃO	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.93719260418	
CAPÍTULO 19	228
ROUSSEAU: A CUMPLICIDADE ENTRE NATUREZA E PATRIARCADO NA EDUCAÇÃO DE SOFIA	
Letícia Machado Spinelli	
DOI 10.22533/at.ed.93719260419	
CAPÍTULO 20	240
TECNOLOGIAS MÓVEIS: OS IMPACTOS NA INTERAÇÃO SOCIAL E NO PROCESSO COMUNICACIONAL	
Briza Martins Guilherme Juliani de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.93719260420	
CAPÍTULO 21	252
TRANSFORMAÇÃO ORGANIZACIONAL EM INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PRIVADA COM O USO DA SOFT SYSTEM METHODOLOGY (SSM): RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Patricia Rodrigues Miziara Papa Valéria Tomas de Aquino Paracchini Dyjalma Antonio Bassoli Thiago Henrique de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.93719260421	
CAPÍTULO 22	268
UM MODELO TÁTIL DA TABELA PERIÓDICA: O ENSINO DE QUÍMICA PARA ALUNOS CEGOS NUM CONTEXTO INCLUSIVO	
Sandra Franco-Patrocínio Jomara Mendes Fernandes Ivoni Freitas-Reis	
DOI 10.22533/at.ed.93719260422	

CAPÍTULO 23	278
UMA EXPERIENCIA DE INTEGRAÇÃO ENTRE FACULDADE DE TECNOLOGIA E EMPRESA GERANDO PROJETOS DE MELHORIA NA FORMAÇÃO DO TECNOLOGO	
Anna Cristina Barbosa Dias de Carvalho	
Luciano José Dantas	
Fabio Conte	
Elaine Cristine de Souza Luiz	
DOI 10.22533/at.ed.93719260423	
CAPÍTULO 24	288
VISIBILIDADE DE JOVENS RURAIS: “ACREDITO É NA RAPAZIADA”	
Ana Maria do Nascimento	
Ercília Maria Braga de Olinda	
DOI 10.22533/at.ed.93719260424	
CAPÍTULO 25	303
O CONTRABANDO DE CIGARROS NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI	
Amanda Caroline Schallenberger Schaurich	
Andressa Braga da Silva	
Graziele Aparecida Carneiro Wille	
Lucimara Fátima de Macedo Savitraz	
Carla Liliane Waldow Esquivel	
DOI 10.22533/at.ed.93719260425	
SOBRE O ORGANIZADOR	307

A PROMOÇÃO DO DIREITO SOCIAL À EDUCAÇÃO DECOLONIAL PELA ESCOLA DE SAMBA BEIJA FLOR DE NILÓPOLIS NO DESFILE DE 2018: CRÍTICA LITERÁRIA E SOCIAL

Aline Lourenço de Ornel

Universidade Federal de Pelotas
Pelotas/RS

Andreia Lourenço de Ornel

Universidade Federal de Pelotas
Pelotas/RS

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo demonstrar a efetivação do direito social à educação decolonial, por meio da crítica literária e social, no desfile de 2018 da Escola de Samba Beija Flor de Nilópolis. Trata-se de uma pesquisa desenvolvida na área dos Direitos Sociais, à luz do pensamento decolonial. O método utilizado é o indutivo. No primeiro capítulo, por meio de pesquisa bibliográfica, é feita uma caracterização da colonialidade no Brasil. No segundo capítulo, realiza-se um breve apanhado histórico das escolas de samba brasileiras, ressaltando-se sua subalternização pelo conhecimento moderno e sua potencialidade decolonial. No terceiro capítulo, analisa-se sob a ótica do direito à educação, o desfile apresentado no carnaval do Rio de Janeiro no ano de 2018 pela Escola de Samba Beija Flor de Nilópolis, quando aproximou o romance de Frankenstein ou Prometeu moderno com as mazelas sociais brasileiras. Ao final, conclui-se que a Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis, no ano de

2018, cumpriu o seu papel social de promover o direito social à educação, mediante um viés decolonial, através da reflexão e crítica acerca da realidade brasileira a partir da obra literária da autora inglesa Mary Shelley.

PALAVRAS-CHAVE: *Decolonialidade, Educação, Direito e Arte, Escolas de Samba.*

ABSTRACT: The present article aims to demonstrate the effectiveness of the social right to decolonial education, through literary and social criticism, in the 2018 parade of the Beija Flor School of Nilópolis. It is a research developed in the area of Social Rights in the light of decolonial thinking. The method used is inductive. In the first chapter, through a bibliographical research, a characterization of the coloniality in Brazil is made. In the second chapter, a brief historical survey of the Brazilian samba schools is made, emphasizing its subalternization by modern knowledge and its decolonial potentiality. In the third chapter, the parade presented at the carnival of Rio de Janeiro in the year 2018 by the Beija Flor de Nilópolis School, is analyzed from the point of view of the right to education, when it approached the novel of Frankenstein or modern Prometheus with social ills Brazilians. At the end, it is concluded that the Beija-Flor Samba School in Nilópolis, in the year 2018, fulfilled its social role of promoting the social right to education, through a decolonial bias,

through reflection and criticism about the Brazilian reality from the literary work of the English author Mary Shelley.

KEYWORDS: Decoloniality, Education, Law and Art, Schools of Samba.

1 | INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo demonstrar a efetivação do direito social à educação decolonial, por meio da crítica literária e social, no desfile de 2018 da Escola de Samba Beija Flor de Nilópolis. No primeiro capítulo, é caracterizada a colonialidade no Brasil. O pensamento decolonial conchama a todos a se libertarem das verdades centrais, únicas e gerais; demonstrando que uma visão de mundo não deve se sobrepor a outra. Aos colonizados, propõe a libertação de um padrão eurocêntrico, enraizado e intrínseco em suas subjetividades, para que passem a valorizar seus saberes e suas verdades. Portanto, um dos conceitos fundamentais aqui utilizados é o de colonialidade. Esta refere-se às relações culturais, raciais, políticas e econômicas, dentre tantas outras, que uniram – e continuam a unir – colonizados e colonizadores, construindo suas percepções de mundo a partir da hierarquização de uns e outros. Historicamente, considerou-se a sociedade europeia como o ápice da escala civilizacional, categorizando os povos por ela conquistados como não-civilizados (QUIJANO, 2005).

No segundo capítulo, realiza-se um breve apanhado histórico das escolas de samba brasileiras, ressaltando-se sua subalternização pelo conhecimento moderno e sua potencialidade decolonial. A escola de samba é uma ação cultural que processa e organiza as relações sociais, econômicas e políticas da parcela que aí convive no que convencionamos denominar de “Mundo do Samba”. Sua prática desencadeia um processo pedagógico fundamental para as populações que aí vivem, se organizam, criam, se relacionam, elaboram arte e realizam cultura (TRAMONTE, 2001). Os saberes e as práticas educativas que acontecem na escola de samba são igualmente importantes para a formação cidadã e profissional, já que para alguns o carnaval se apresenta como ponto de partida e às vezes como única oportunidade, como explícito nos depoimentos dos entrevistados que foram beneficiados pelas oficinas. É importante também destacar sobre a possibilidade de aprendizagens, inclusive dos conteúdos escolares que podem ser proporcionadas na escola de samba. (GORDO, 2015)

O terceiro capítulo aborda o desfile apresentado no carnaval do Rio de Janeiro no ano de 2018 pela Escola de Samba Beija Flor de Nilópolis, quando aproximou o romance de Frankenstein ou Prometeu moderno com as mazelas sociais brasileiras. Ao final, conclui-se que a escola de samba Beija-Flor de Nilópolis, no ano de 2018, cumpriu o seu papel social de promover o direito social à educação, mediante um viés decolonial, através da reflexão e crítica acerca da realidade brasileira a partir da obra literária da autora inglesa Mary Shelley.

A educação é um direito social expressamente previsto no artigo 6º, *caput*, da

Constituição Federal. Ainda, conforme artigo 205 da Carta Magna, é um direito de todos, devendo ser promovida e incentivada por toda a sociedade, visando a formar indivíduos plenamente desenvolvidos, aptos para o exercício da cidadania e para o trabalho. Educação é busca pelo conhecimento, é produção e compartilhamento de saberes. Ao final, o que a sociedade espera é a formação de cidadãos conscientes do seu papel social e aptos a viver e contribuir para o meio em que estão inseridos.

Ocorre que a complexidade e a diversidade dos seres humanos afastam a adoção de uma forma única para a efetivação do direito social à educação. Muitos jamais se interessarão pelo conhecimento produzido no mundo acadêmico ou segundo a educação tradicional. É possível que tenham acesso a uma formação plena longe da academia, de modo que a obtenção de um diploma ou de um título acadêmico não é certeza de humanidade, cidadania, reflexão e crítica social. É possível que alcancem a plenitude, a felicidade e que sejam cidadãos aptos para a cidadania e para o trabalho, assim como quis o constituinte, longe dos bancos acadêmicos.

Não se pretende aqui dizer que o conhecimento produzido na academia é dispensável ou que não é importante. Jamais. O que se pretende, no entanto, é demonstrar que existem outras formas de produção e de compartilhamento de saberes também importantes. Ideal seria o mundo em que estas fontes de produção de saberes dialogassem, sem hierarquia, complementando-se umas às outras.

2 | A COLONIALIDADE NO BRASIL

A colonialidade refere-se às relações culturais, raciais, políticas e econômicas, dentre tantas outras, que uniram – e continuam a unir – colonizados e colonizadores, construindo suas percepções de mundo a partir da hierarquização de uns e outros. Historicamente, considerou-se a sociedade europeia como o ápice da escala civilizacional, categorizando os povos por ela conquistados como não-civilizados (QUIJANO, 2005).

Esse padrão de dominação se divide em colonialidade do poder, do ser e do saber. A colonialidade do poder advém do desenvolvimento de uma modernidade capitalista, fundada na exploração do homem pelo homem. Em outras palavras, pode-se afirmar que colonialidade e modernidades são as duas faces de uma mesma moeda, irmãs que caminham de mãos dadas causando a desigualdade entre os homens. Os europeus convenceram-se a si mesmos e depois convenceram o resto do mundo (especialmente os povos dominados) de que eram a expressão do que de mais avançado existia no planeta. Assim, não foi difícil dominar aquelas culturas não industrializadas ou experimentadas neste modo de vida tido como moderno.

A colonialidade do ser, conforme explica Quijano (2005, p. 117), operou-se através da codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na ideia de raça, ou seja, uma suposta distinta estrutura biológica que situava uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Essa ideia foi assumida pelos conquistadores

como o principal elemento constitutivo das relações de dominação que a conquista exigia. Nessas bases, conseqüentemente, foi classificada a população da América, e mais tarde a do mundo. E, na medida em que as relações sociais que estavam se configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas à divisão do trabalho, às hierarquias, aos lugares e papéis sociais correspondentes e à própria produção de conhecimento.

A terceira linha é o racismo epistêmico, ou colonialidade do saber, caracterizada por Oliveira (2018, p. 02) da seguinte forma:

Se a colonialidade operou a inferioridade de grupos humanos não europeus do ponto de vista da produção da divisão racial do trabalho, do salário, da produção cultural e dos conhecimentos, foi necessário operar também a negação de faculdades cognitivas nos sujeitos racializados. Neste sentido, o racismo epistêmico não admite nenhuma outra epistemologia como espaço de produção de pensamento crítico nem científico. Isto é, a operação teórica que, por meio da tradição de pensamento e pensadores ocidentais, privilegiou a afirmação de estes serem os únicos legítimos para a produção de conhecimentos e como os únicos com capacidade de acesso à universalidade e à verdade.

Maldonado-Torres (2007, p. 131) aduz que a colonialidade sobrevive até hoje, intrínseca e dominante “nos manuais de aprendizagem, nos critérios para os trabalhos acadêmicos, na cultura, no senso comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos, e em tantos outros aspectos de nossa experiência moderna”.

No contexto histórico brasileiro, o colonizador sempre se disse inventor/ descobridor do Brasil e até hoje é ensinado nas escolas que o país foi descoberto em 1500 por Pedro Álvares Cabral. A história escrita pelo colonizador não retrata que aqui já viviam povos organizados, com saberes próprios e em perfeita harmonia com a natureza. Essa identidade foi sufocada pelo padrão de dominação. Tão pouco é retratado (ao menos com a importância que o assunto merece) o genocídio promovido pelo colonizador em face do povo tradicional brasileiro. O colonizador do Brasil transmitiu ao mundo uma ideia de poder, de riqueza e de modernidade, mas nunca reconheceu que tudo foi forjado em cima do sangue indígena e, posteriormente, negro; e que a tal modernidade foi construída através da expropriação das riquezas naturais brasileiras.

Quisera fosse esta uma triste e superada marca do passado brasileiro. Todavia, ainda se vive a colonialidade, arraigada de uma forma cínica e intrínseca na sociedade brasileira. A colonialidade subalterniza as formas de produção de saber e do ser que não se enquadrem no padrão de dominação imposto pelo colonizador. O pensamento decolonial conchama a todos a se libertarem das verdades centrais, únicas e gerais; demonstrando que uma visão de mundo não deve se sobrepor a outra. Aos colonizados, propõe a libertação de um padrão eurocêntrico, enraizado e intrínseco em suas subjetividades, para que passem a valorizar seus saberes e suas verdades.

3 | AS ESCOLAS DE SAMBA E DE SABERES

Dentro de uma perspectiva decolonial, o carnaval emerge como expressão de subjetividade e de produção de saberes de um grupo subalternizado pelo padrão de poder existente. Não se pode olvidar que os carnavalescos sempre sofreram uma dupla discriminação. Subalternizados pelo padrão-europeu, também foram discriminados pela elite brasileira: uma consequência da colonialidade é a reprodução do comportamento de desqualificação do outro em esferas menores no âmbito interno de cada país. Em outras palavras, os europeus diminuem os povos latinos e a elite desses povos reproduz em suas realidades, em microesferas, aqueles padrões de opressão e negação de grupos por ela considerados inferiores. Não é à toa que o carnaval é tratado como fonte de alienação popular e que muitos governos vêm cortando recursos públicos destináveis a tal setor, a exemplo do que vem ocorrendo no carnaval pelotense, porto-alegrense e no próprio carnaval carioca.

Sabe-se que o carnaval não surgiu no Brasil, mas, sem dúvida, foi sendo moldado ao longo da história conforme as características do povo brasileiro, especialmente negros e pobres, moradores das periferias. Sabe-se, ainda, que esta festa popular assumiu contornos diferentes conforme cada região brasileira, incorporando feições locais. Entretanto, é o desfile das escolas de samba que exprime com maior visibilidade esta forma de expressão popular, razão pela qual se delimita o presente estudo no âmbito das escolas de samba.

Segundo, Tureta e Araújo (2013, p. 114 e 115):

A expressão Escola de Samba tem sua origem no Estácio (bairro do Rio de Janeiro) no final da década de 1920, onde, na Rua Joaquim Palhares, existia uma antiga Escola Normal da Corte, que servia como ponto de referência para o encontro de sambistas nas suas proximidades. Devido a essa proximidade com a escola e o fato dos sambistas se definirem como os Mestres do Samba (GOLDWASSER, 1975), o termo Escola de Samba seria então apropriado para definir um grupo de professores do samba (ALBIN, 2009) – compostos por moradores da periferia e não-letrados perseguidos pela polícia – que possuíam o dom para ensinar aos demais o prazer de viver com a dança, a música e o samba (DA MATTA, 1997).

(...)

Por serem surgidas no subúrbio das cidades ou em bairros constituídos por maioria de negros, sua origem é marcadamente popular, sendo composta por pessoas marginalizadas e sem profissão definida, algo que foi acarretado pela migração rural após a abolição da escravidão, que levou um contingente muito grande de pessoas a se amontoarem no centro e nos morros da periferia da cidade do Rio de Janeiro (VALENÇA, 1996).

Em razão de sua origem histórica (cujas causas de fundação seguem se repetindo na atualidade) as escolas de samba constituem-se em símbolo de resistência popular e também de inserção da cultura negra na própria cultura brasileira. Elas traduzem-se em ações culturais, organizando relações sociais, políticas e econômicas. Ademais, “sua prática desencadeia um processo pedagógico fundamental para as populações

que aí vivem, se organizam, criam, se relacionam, elaboram arte e realizam cultura” (TRAMONTE, 2001, p. 08). Daí afirmar-se que elas são fonte de produção e de compartilhamento de saberes.

Nesse sentido, relembra-se o desfile da Estação Primeira de Mangueira, escola de samba do estado do Rio de Janeiro. Em 2015, a Mangueira tratou dos direitos das mulheres e da luta pela igualdade de gênero no enredo intitulado *Agora chegou a vez, vou cantar: mulher de Mangueira, mulher brasileira em primeiro lugar!* (GALERIA DO SAMBA, 2018). No enredo apresentado, a escola também homenageou mulheres que desempenharam papel importante na agremiação, o que não deixa de ser uma forma de ressaltar a história daquela comunidade e ressaltar às mulheres locais - sobretudo as jovens - exemplos próximos a serem seguidos. Inclusive, é traço característico das agremiações permitir o livre acesso das mulheres a todos os setores: diretoria, composição, interpretação, dentre outros. Observe-se parte da sinopse de seu enredo:

Então, respeitem quem pode chegar aonde elas chegaram e abram alas para todas as mulheres que se colocaram à frente de seus tempos e que, nunca estiveram à espera de príncipes encantados para lhes salvar! São estas mulheres que nos conquistam pela simplicidade e, ao mesmo tempo, se impõem pela grandiosidade, e que hoje, personificadas em Dona Zica e aclamadas em um desfile triunfal, recebem de Mangueira o que a história oficial muitas vezes lhes negou: a valorização e o reconhecimento. Que seus exemplos de força e persistência se transformem em uma espécie de vento suave e contínuo capaz de tremular no ponto mais alto das nossas consciências a legítima bandeira verde e rosa... Que o rosa possa significar a mais singela tradução do nosso reconhecimento a todas as mulheres deste país... E que o verde possa transmitir a nossa esperança por igualdade de direitos, para a honra e glória daquelas que lutaram e ainda lutam por dignidade (GALERIA DO SAMBA, 2018).

Outra valiosa contribuição para o presente texto é a da Escola de Samba Paraíso do Tuiuti. A escola surpreendeu o país no ano de 2018 com um enredo pautado pela crítica social, chamando a todos para uma reflexão. Com o samba enredo intitulado *Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?*, a Tuiuti apresentou ao público uma comissão de frente ilustrando a escravidão negra anterior à Lei Áurea, passando, ao longo da apresentação, pelas reformas que vêm afligindo a maior parte do povo brasileiro.

Ala de destaque no desfile foi a dos manifestantes fantoches, os chamados paneleiros que saíram às ruas com camisetas do Brasil pedindo o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff. A escola de samba utilizou mãos gigantes representando a mídia, que, segundo a agremiação, controlava esses paneleiros envolvidos por patos amarelos, em referência à Fiesp. Ao final, encerrou o desfile com a alegoria de vampiro neoliberal, levado pelo carro Neo-Tumbeiro, em clara referência ao fato de que mesmo após 130 anos da abolição formal da escravidão os grilhões ainda permanecem, agora adornados por flores que conferem verossimilhança à ilusão de liberdade (PARAÍSO DA TUIUTI, 2018).

Os desfiles apresentados pelas escolas gaúchas também demonstram que a crítica social e o compartilhamento de saberes não é algo restrito às escolas cariocas.

A escola de samba de Porto Alegre, Bambas de Orgia, desfilou em 2018 no enredo intitulado *É Tempo de Liberdade! No Centenário de Mandela, Sou Bambas da Orgia, a Águia Altaneira da Igualdade*. Já a Imperadores do Samba apresentou o tema *Africanamente, como homenagem à herança cultural da África ao Brasil*. Por sua vez, a Embaixadores do Samba fez uma crítica direta ao prefeito da capital do estado em razão do corte de verbas para o carnaval, com o trecho:

[...] se da polícia apanhei/ ô preconceito/chegou o dia que apanho do prefeito/ fiz minha fantasia, sei que tu não queria/mas não vou desistir/é pau, é pedra/já é março/tu não é dono da rua/deixa o meu povo ser feliz/você aí, engravatado/me dê respeito/eu não quero seu trocado.

Por certo, o desfile apresentado é apenas o ápice de um trabalho desenvolvido por muito tempo nos barracões e que suscita o envolvimento de moradores da comunidade com profissionais das mais diferentes áreas: historiadores, sociólogos, artistas, músicos, bailarinos, dentre outros. É possível afirmar, juntamente com Isaac Caetano Montes (2016, p. 35), que:

Os contemporâneos desfiles das escolas de samba notabilizam-se por teatralidade que a cada ano avança em ousadia no que diz respeito à quantidade de formas de arte reunidas. Música, artes plásticas, dança, teatro, vídeo, performance, poesia, arquitetura e outras artes integram, em cada desfile, um apanhado não só de formas e linguagens artísticas, como também de materiais e elementos heteróclitos, todos razoavelmente “harmonizados” ou encenados em um sentido totalizante de obra (a partir de estruturas exigidas por quesitos como “harmonia e “enredo”). Somam-se a isso, as inovações de tecnologia que são também assimiladas para que cada escola desenvolva uma exibição cada vez mais repleta de grandiosidade e efeitos.

Na preparação para o desfile, nada vai adiante se não estiver definido o tema da escola, que exige profunda pesquisa e investigação bibliográfica e documental. Após a definição do tema, costuma-se escolher o samba enredo, entrando em cena o trabalho dos compositores e ritmistas. Inicia-se o trabalho do carnavalesco, que começa a desenhar as fantasias e a se reunir regularmente com os chefes das alas e a diretoria de carnaval, a fim de definirem confecções coerentes com o enredo.

Há necessidade de estilistas e de costureiras para elaborar as fantasias, de engenheiros, de eletricitas, de arquitetos, de escultores e de pedreiros para confeccionar os carros alegóricos, dentre tantos outros profissionais variados. Cria-se nestes espaços um universo multicultural com intensa troca e compartilhamento de saberes e de experiências, encontros de pessoas formadas no mundo acadêmico com pessoas moldadas pelos ensinamentos da vida. É por isso que Montes (2016, p. 50) aproxima o carnaval do conceito de “obra de arte total” ou “obra de arte comum” desenvolvido por Richard Wagner, na segunda metade do século XIX:

[...] a imagem wagneriana inspira a presente abordagem dos desfiles das escolas de samba por neles haver semelhante apreço à abundância da materialidade cênica; pelo sentido de integração com que as diversas formas artísticas comportam-se nos desfiles; e por uma atuação criativa de artistas, em boa parte, anônimos e autodidatas, o que reforça a aproximação com o projeto wagneriano que, mesmo operando seu conceito circunscrito a um radical nacionalismo germânico e há

mais de 130 anos, vislumbrou o futuro da arte como sendo, de modo coletivo e necessário, o da produção de uma obra de arte feita pelo “povo artista” (Wieland), que em sua forma estetizada de abordar o mundo, possui, segundo Wagner, um gesto transformador.

Essas agremiações são, sob tal perspectiva, uma escola de teatro, apresentando na avenida uma peça ao ar livre feita a muitas mãos, repleta de multiculturalismos e de interdisciplinaridade. Isso resta claro na obra disponibilizada pela Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (LIESA, 2018) - o livro “Abre alas” -, trazendo todas as informações das escolas. O acesso a tal livro demonstra o cuidado com que tais desfiles são preparados. Há intensa pesquisa bibliográfica e documental, com sinopse, histórico e justificativa do enredo, além de roteiro e explicação de cada ala a ser apresentada. Por sua vez, as fichas técnicas revelam o variado grau de profissionais envolvidos.

Margarida do Espírito Santo Cunha Gordo (2015) aponta que tais agremiações atuam como importante fonte de produção e de compartilhamento de saberes. Práticas educativas não são apenas aquelas desenvolvidas no ensino oficial, em escolas e universidades, mas igualmente em ambientes não-formais. A formação política e de cidadania ali construída muitas vezes fortalece laços familiares, de vizinhança e amizades, estreitando ações solidárias e cooperativas na comunidade. A autora conclui:

[...] há saberes e práticas educativas sendo veiculados no espaço da escola de samba, os quais são formatados por meio de oficinas, aprendidos na prática, implícitos nas relações interpessoais e nas vivências estabelecidas na escola de samba. Saberes capazes de transformar, de dar um rumo, de tirar a venda dos olhos. Saberes esses que precisam ser reconhecidos e aproveitados. Saberes esses presentes na educação não-formal, que acontece fora da formalidade da escola, mas não menos importante. Os saberes e as práticas educativas que acontecem na escola de samba são igualmente importantes para a formação cidadã e profissional, já que para alguns o carnaval se apresenta como ponto de partida e às vezes como única oportunidade, como explícito nos depoimentos dos entrevistados que foram beneficiados pelas oficinas. É importante também destacar sobre a possibilidade de aprendizagens, inclusive dos conteúdos escolares que podem ser proporcionadas na escola de samba (GORDO, 2015, p. 15).

Ademais, em comunidades muitas vezes desprovidas de momentos de lazer, as agremiações também promovem o acesso dos moradores a este importante direito social, eis que costumam realizar diversos eventos ao longo do ano. São eventos musicais, almoços e jantas que envolvem a comunidade em intensas programações culturais. As escolas também garantem emprego e renda para diversas pessoas, especialmente para os moradores. Além de costureiras, ritmistas e designers diretamente envolvidos no Carnaval, a cadeia produtiva também envolve os setores de transporte, hospedagem, alimentação, bebida, instrumentos musicais, entretenimento e serviços gráficos, fonográficos e de mídia.

Justamente em razão de suas raízes, as escolas comumente possuem interesse pelo desenvolvimento de projetos sociais voltados aos moradores de suas comunidades. Geraldo Rezende e Leandro Benediti Bruzadin (2015, s/p) afirmam que:

Ao analisar todo o contexto de perseguição aos sambistas nos primórdios da história deste estilo musical, por possuírem origem negra, e se disseminarem inicialmente nos morros e periferias das cidades e constituindo em sua maioria população de baixa renda, pode-se traçar um paralelo e considerar que a busca pela inclusão social das escolas de samba atualmente é, na verdade, uma continuidade da busca pela inclusão social e cidadania do povo pobre e do próprio samba: tendo este superado o preconceito e conquistado destaque no cenário cultural, as escolas de samba lutam agora para que seus protagonistas façam valer sua cultura, arte e estilo de vida e alcance a inclusão na sociedade.

Priscila Fernandes de Castro Henriques e Leandro Henrique Simões Goulart (2014, p. 05) pesquisaram o trabalho acerca da efetivação de direitos sociais da criança e do adolescente realizado pela Estação Primeira de Mangueira, concluindo que a agremiação promove a concretização desses direitos por meio de diversos projetos sociais desenvolvidos pela escola. Além de produzir desfiles de carnaval, a comunidade da Mangueira passou a contar desde 1987 com inúmeros projetos sociais ligados à educação, cultura, esporte, lazer e mercado de trabalho. Devido a esse fato a escola agregou parceiros na construção de uma rede de colaboração na criação e viabilização de projetos sociais que nos dias de hoje já lhe renderam três prêmios: dois da BBC de Londres e um da UNICEF, como melhor projeto social da América Latina, e também como programa exemplar para o terceiro mundo.

De acordo com informações colhidas no site da escola (INSTITUTO MANGUEIRA DO FUTURO, 2018), o primeiro projeto social desenvolvido pela Mangueira foi um programa esportivo voltado tanto para jovens quanto para pessoas da terceira idade. Hoje, o Centro de Referência Esportiva possui equipes de atletismo, basquete, futebol, ginástica rítmica, natação, boxe e levantamento de peso. Também realiza trabalhos específicos com a terceira idade e com pessoas portadoras de deficiência. Na área da cultura é desenvolvido o projeto Mangueira do Amanhã e o Projeto Dançando Para Não Dançar, em que são oferecidas oficinas de dança e música. No campo da educação, tem-se a Escola Tia Neuma, o Santa Mônica Centro Educacional, o Ciep Nação Mangueirense Governador Leonel de Moura Brizola e a UniverCidade.

Em solo gaúcho, tem-se o exemplo da Sociedade Recreativa e Beneficente Estado Maior da Restinga, que recebeu da Câmara Municipal de Porto Alegre a Comenda Porto do Sol pelos serviços prestados à cidade. Lembrando que o Bairro Restinga tem um dos maiores índices de criminalidade de Porto Alegre, o presidente da entidade destacou o trabalho social entre a sua comunidade:

O Carnaval é nossa atividade-fim. As escolas de samba são centros de cultura e lazer, mas a nossa maior vitória e o que mais nos dá orgulho é o trabalho que fazemos na recuperação e reinserção de pessoas na sociedade, com geração de emprego e renda. Os equipamentos da Tinga estão à disposição dos porto-alegrenses na luta contra a drogadição (CAMARAPOA, 2018, s/p).

As escolas de samba são entidades importantes para suas comunidades e para todo o país. São a expressão do orgulho popular. A exaltação e o grito de resistência da cultura negra, muitas vezes atacada e subalternizada por diversos setores da sociedade. Geram renda, promovem e compartilham saberes de um jeito descontraído

e alegre, mas sem deixar de ser questionador e reflexivo. Promovem a multiculturalidade e a interdisciplinaridade. Mudam vidas, incentivam vocações artísticas e profissionais, muitas vezes contribuindo para o distanciamento de jovens do mundo do crime e das drogas, enfim, promovem direitos sociais e garantem a dignidade de muitos cidadãos invisíveis para o Estado e para a sociedade.

4 | O DESFILE DE 2018 DA BEIJA-FLOR: MONSTRO É AQUELE QUE NÃO SABE AMAR – OS FILHOS ABANDONADOS DA PÁTRIA QUE OS PARIU

A Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis, segundo as informações da obra (LIESA, 2018), apresentou ao mundo no carnaval de 2018 o tema *Monstro é Aquele que Não sabe amar – Os Filhos Abandonados da Pátria que os Pariu*, citando referências bibliográficas como *Frankenstein*, da autora inglesa Mary Shelley. Aproximando a ficção da realidade, a escola exalta o amor em seu samba-enredo, questionando se o monstro é a criatura repugnante ou se é o criador, tal como pode ser observado no seguinte trecho de sua sinopse:

A ficção do monstro do Dr. Victor Frankenstein nos coloca frente a frente à nossa capacidade de repudiar o que é estranho e diferente, de negar amor ao que não compreendemos. O ser criado em laboratório a partir de pedaços costurados rusticamente, e da ausência de ética e de limites, não foi reconhecido como um semelhante porque possuía aparência anormal e feia, e acabou sendo excluído, repudiado e renegado pelo próprio pai. A estranha criatura, abandonada, sozinha, incompreendida e entregue à própria sorte, se transformou em anjo caído, revoltado pela falta de amor. Mas, quem é o verdadeiro monstro nessa estória? A criatura de aparência repugnante, ou o criador, com seu egoísmo, seu orgulho, sua arrogância e seu coração corrompido? Essa obra vai completar 200 anos, mas tem muito a nos dizer das diversas mazelas que atualmente corroem a integridade moral e espiritual de uma sociedade onde a desigualdade se alimenta do descaso; formando uma geração dominada pelo caos, vitimada pelo abandono, e que vive à mercê de seres humanos bestiais, que menosprezam tudo e à todos que lhes pareçam inadequados e fora dos padrões estabelecidos (LIESA, 2018, p. 317).

De uma forma bastante descontraída e animada, porém crítica e reflexiva, a escola surpreendeu o público com uma analogia contemporânea suscitada através da perspectiva de espelhamento, trazendo à tona uma reflexão acerca das mazelas sociais mais gritantes no Brasil. Sua narrativa baseou-se em 05 (cinco) setores: 01) A Introdução do Argumento – “Frankenstein ou o Prometeu Moderno”; 02) A Ambição e a Ganância; 03) O Abandono; 04) A Intolerância; 05) A Redenção.

O primeiro setor da Escola descreve a ambientação onde começa a se desenrolar a trama: geleiras e icebergs em meio ao Oceano Ártico. O carro Abre-Alas representa o navio do Comandante Robert Walton, que promove o resgate do Dr. Victor Frankenstein. Neste setor, a escola revisita as memórias de Victor Frankenstein e o momento em que traz à vida “o infeliz monstro”. Nesta passagem, a escola contrapõe o brilhantismo do jovem_ cego pela busca da imortalidade e da glória pessoal_ ao ser por ele mesmo criado, de uma aparência tão monstruosa, mas ao mesmo tempo tão necessitado de

amar e de ser amado.

No segundo setor, a escola trata de ambição e ganância. Observa que estas são os principais arquétipos do Dr. Victor Frankenstein e também traça um paralelo com a realidade brasileira, ilustrando os espaços de criação e as fábricas brasileiras de monstros: Congresso Nacional e o Palácio do Planalto, escândalos de corrupção e desvios milionários dos cofres públicos, o pútrido esquema das licitações que envolvem as grandes empreiteiras e as unidades prisionais (verdadeiras universidades do crime). Em seu segundo carro alegórico, Brasília foi retratada como “capital dos monstros”. Na alegoria, a sede da Petrobrás se mistura com uma favela.

O terceiro setor aborda o abandono da criatura por parte de seu criador e faz uma análise comparativa com os filhos abandonados do Brasil. A escola aborda o descaso em que são tratados os brasileiros, ilustrando problemas que vão desde a violência e insegurança da população até o descaso com o meio ambiente. O quarto setor trata da intolerância, deixando transparecer a ideia de conflito entre criador e criatura, já que esta testa a capacidade daquela de aceitar o que é estranho e diferente, levando-a, muitas vezes, a negar amor ao que não é compreendido. Neste espaço são retratadas a intolerância religiosa, de gênero/opção sexual, racial, a xenofobia e até mesmo a intolerância desportiva.

No quinto setor, a escola trata da redenção da criatura e passa sua principal mensagem: a necessidade e importância do amor. Mais do que isso, a escola defende que “o Carnaval é uma possibilidade concreta de salvação” (LIESA, p. 315). Por meio de figuras carnavalescas típicas _ o Rei Momo, pierrô, colombina e arlequim, dentre outros_ clama-se por paz. E dessa forma, a escola passa o seu recado:

Por que o povo do Samba quer libertação, e para isso, dá voz às ruas, exercendo a sua cidadania no palco mais democrático e diversificado da nossa Cultura Popular; unindo irmãos ávidos por redenção, por que já não aguentamos mais carregar nos braços o resultado de desamor no coração. E como homenagem ao exemplo do que é saber amar, uma revoada de beija-flores celebra, na Apoteose, os 70 (setenta) anos de história que a Beija-Flor de Nilópolis está prestes a completar nesse ano de 2018. Uma Escola de Samba que demonstra, na prática, através de 40 (quarenta) anos de projetos e trabalhos sociais, que sabe cuidar de sua comunidade; que com amor, assistência e educação, é possível sim transformar a vida de seres humanos, deixando o seu recado para quem não sabe cuidar e para quem nega o amor: Vem aprender na Beija-Flor!!! Por que Monstro, é Quem Não Sabe Amar! (Liesa, p. 367)

A escola consagrou-se a grande campeã do carnaval de 2018. Mais do que angariar o título máximo da disputa, cumpriu o seu papel social de promover a reflexão e a crítica acerca da realidade brasileira a partir da obra literária da autora inglesa Mary Shelley. Esse paralelo entre ficção e realidade poderia ter sido proposto em qualquer sala de aula de qualquer rincão deste país, mas foi trabalhado de uma forma criativa e descontraída no barracão da escola para ser desenvolvido em uma grande apresentação teatral ao ar livre.

A ficha técnica revela que diversos profissionais envolveram-se na construção

do desfile: advogados, pedreiros, eletricitas, engenheiros, costureiras, dentre outros (LIESA, p. 367), contando a escola com grande número de integrantes oriundos principalmente da comunidade, muitos envolvidos diretamente na produção do desfile. Inegável, portanto, o compartilhamento de saberes. Promoveu-se crítica literária e social para um público predominantemente popular, subalternizado e silenciado pela colonialidade. Houve, portanto, a promoção do direito social à educação, por um viés decolonial.

A educação é um direito social expressamente previsto no artigo 6º, *caput*, da Constituição Federal. Ainda, conforme artigo 205 da Carta Magna, é um direito de todos, devendo ser promovida e incentivada por toda a sociedade, visando a formar indivíduos plenamente desenvolvidos, aptos para o exercício da cidadania e para o trabalho. Educação é busca pelo conhecimento, é produção e compartilhamento de saberes. Ao final, o que a sociedade espera é a formação de cidadãos conscientes do seu papel social e aptos a viver e contribuir para o meio em que estão inseridos.

Ocorre que a complexidade e a diversidade dos seres humanos afastam a adoção de uma forma única para a efetivação do direito social à educação. Muitos jamais se interessarão pelo conhecimento produzido no mundo acadêmico ou segundo a educação tradicional. É possível que tenham acesso a uma formação plena longe da academia. A obtenção de um diploma ou de um título acadêmico não é certeza de humanidade, cidadania, reflexão e crítica social. É possível que alcancem a plenitude, a felicidade e que sejam cidadãos aptos para a cidadania e para o trabalho, assim como quis o constituinte, longe dos bancos acadêmicos.

Não se pretende aqui dizer que o conhecimento produzido na academia é dispensável ou que não é importante. Jamais. O que se pretende, no entanto, é demonstrar que existem outras formas de produção e de compartilhamento de saberes também importantes. Ideal seria o mundo em que estas fontes de produção de saberes dialogassem, sem hierarquia, complementando-se umas às outras. E no chão de uma escola de samba é possível verificar esse diálogo dos saberes.

CONCLUSÃO

Os estudos decoloniais questionam verdades produzidas pela moderna perspectiva de mundo, forjadas em relações de poder que legitimam certos corpos e saberes em detrimento de outros, subalterizados e postos à margem da fruição de inúmeros direitos constitucionalmente previstos. Daí a revalorização de conhecimentos produzidos por comunidades locais, tais como aquelas próprias de escolas de samba, como os aqui apresentados. Inúmeras vezes, exemplo de resistência da cultura afrodescendente e, igualmente, de moradores da periferia, muitas vezes alijados da proteção estatal e subalternizados pela colonialidade do poder.

A arte produzida nestes recantos pode ser compreendida sob uma perspectiva

decolonial e, mais do que isso, como um valioso instrumento de concretização de direitos sociais. Essas agremiações são entidades importantes para suas comunidades, expressão de orgulho, exaltação e resistência da cultura negra e da cultura popular. Geram renda, promovem e compartilham saberes de uma forma descontraída, alegre e reflexiva. E demonstram como os diálogos entre arte e direito podem suscitar outras alternativas a soluções estatais ainda profundamente imbricadas em jogos modernos de poder e de saber.

A Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis consagrou-se a grande campeã do carnaval carioca de 2018. Mais do que angariar o título máximo da disputa, cumpriu o seu papel social de promover a reflexão e a crítica acerca da realidade brasileira a partir da obra literária da autora inglesa Mary Shelley. Esse paralelo entre ficção e realidade poderia ter sido proposto em qualquer sala de aula de qualquer rincão deste país, mas foi trabalhado de uma forma criativa e descontraída no barracão da escola para ser desenvolvido em uma grande apresentação teatral ao ar livre, atingindo um público predominantemente popular, subalternizado e silenciado pela colonialidade. Houve, portanto, a promoção do direito social à educação, por um viés decolonial.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marina Corrêa de. A cultura legal emergente latino-americana: o pluralismo jurídico rompendo os laços imperialistas no direito. **Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos**, v. 1, n. 1, p. 38-50, jun., 2011.

CAMARAPOA. **Câmara Municipal de Porto Alegre**. Câmara homenageia trabalho social realizado pela Tinga. Disponível em: <http://www.camarapoa.rs.gov.br/noticias/camara-homenageia-trabalho-social-realizado-pela-tinga>. Acesso em 06 de setembro de 2018.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La Hybris del Punto Cero**: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816). Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005.

COLAÇO, Thais Luzia; DAMÁZIO, Eloise da Silveira Petter. **Novas perspectivas para a Antropologia Jurídica na América Latina**: o direito e o pensamento decolonial. Florianópolis: FUNJAB, 2012.

DIAS, Renato Duro. Interdição de Gênero: a lei que silencia o corpo. In: TRINDADE, André Karam; GALUPPO, Marcelo Campos; SOARES, Astreia (orgs.). **Direito, Arte e Literatura**. Florianópolis: CONPEDI, 2015. p. 467-484.

DUONG, Wendy Nicole. Law is Law, Art is Art and shall the two ever meet? – Law and Literature: the comparative creative processes. **Southern California Interdisciplinary Law Journal**, v. 15:1, p. 01-42, 2005.

FAGUNDES, Mari Cristina de Freitas; HENNING, Ana Clara Correa. “Cara pra Bater, mas sem Covardia, o Tapa Vai Doer, Barriga Vazia”: problematizando o sistema de justiça criminal e suas verdades a partir da pesquisa empírica com compositores de rap. **Revista Cognitio Juris**, ano VII, n. 17, p. 144-172, jun., 2017.

FLORES-LONJOU, Magalie. Uma experiência francesa de ensino do Direito através do cinema. In: LEITE, Maria Cecília Lorea (org.). **Imagens da justiça, Currículo e Educação jurídica**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 137-146.

FRANCA FILHO, Marcílio; LEITE, Geilson Salomão; PAMPLONA FILHO, Rodolfo (orgs). **Antimanual de Direito & Arte**. São Paulo: Saraiva, 2016.

GALERIA DO SAMBA. **Estação Primeira de Mangueira**: Carnaval de 2015. Disponível em: <http://www.galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/estacao-primeira-de-mangueira/2015/>. Acesso em 12 de agosto de 2018.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, LTC, 2008.

GONZÁLEZ, José M. González García. **La Mirada de la Justicia**: ceguera, venda en los ojos, velo de ignorancia, visión y clarividencia en la estética del derecho. La Balsa de la Medusa: Madrid, 2016.

GORDO, Margarida do Espírito Santo Cunha. Educação não-formal na escola de samba. **Associação Nacional de Pesquisa em Educação**, Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt24-3939.pdf>. Acesso em 27 de junho de 2018

GROSFUGUEL, Ramón. Para Descolonizar os Estudos de Economia Política e os Estudos Pós-Coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 455-491.

GRÜNE, Carmela (org). **Samba no Pé & Direito na Cabeça**. São Paulo: Saraiva, 2012.

HENNING, Ana Clara Correa. **Conexões entre cultura popular e cultura acadêmica**: recontextualização curricular na prática de pesquisa jurídica do curso de Direito da Anhanguera Educacional/Faculdade Atlântico Sul em Pelotas. Dissertação apresentada ao Mestrado em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2008.

HENNING, Ana Clara Correa. **Relações Jurídicas de Uso e Apropriação Territorial em Comunidades Quilombolas Brasileiras**: embates de poder e decolonialismo jurídico sob lentes etnográficas e etnodocumentárias. Tese apresentada no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* - Doutorado em Direito, da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.

HENRIQUES, Priscila Fernandes de Castro; GOULART, Leandro Henrique Simões. Samba como efetivador dos direitos sociais da criança e do adolescente. *In*: NOGUEIRA, Bernardo Gomes Barbosa (ed.). **Letras Jurídicas n. 02**. Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva, 2014. p. 415-422. Disponível em: https://issuu.com/publicanewton/docs/letras_juridicas_n2. Acesso em 27 de junho de 2018

INFOPEN. Sistema Integrado de Informações Penitenciárias. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias**. Brasília, 2017.

INSTITUTO MANGUEIRA DO FUTURO. Disponível em: <http://www.mangueiradofuturo.com.br/>. Acesso em 27 de junho de 2018.

LEITE, Maria Cecília Lorea (org.). **Imagens da justiça, Currículo e Educação jurídica**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LEITE, Maria Cecília Lorea; VAN-DÚNEM, José Octavio Serra; HENNING, Ana Clara Correa (orgs). **Contemporaneidade, Imagens da Justiça e Ensino Jurídico**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2016.

LIESA. Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. **Abre-Alas**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://liesa.globo.com/2018/por/03-carnaval/abrealas/index.html>. Acesso em 12 de agosto de 2018.

MIGNOLO, Walter D. La opción descolonial. *Letral*, n. 01, p. 04-22, 2008.

MIGNOLO, Walter. Desobediencia epistémica (II), pensamiento independiente y libertad de-colonial.

Revista de Estudios Críticos Otros Logos, ano 01, n. 01, p. 08-42, 2010.

MONTES, Isaac Caetano. A “obra de arte total” das escolas de samba, particularidades de um carnaval operístico. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, Rio de Janeiro, v. 13. n. 2, p. 33-53, nov., 2016. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/viewFile/19180/22162>. Acesso em 27 de junho de 2018

MORAIS, Alexandre de. **Direito Constitucional**. 33 ed. São Paulo: Atlas, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre Verdade e Mentira**. Organização e tradução de Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

OLIVEIRA, Eliene Rodrigues de; SOUSA, Jaqueline Fernandes. Teatro no Direito: um relato de memórias. **II Encontro Internacional de Direito Culturais**, Fortaleza, UNIFOR, 09 a 12 de outubro, 2013.

OLIVO, Luis Carlos Cancellier de (org.). **Novas Contribuições à Pesquisa em Direito e Literatura**. Florianópolis: UFSC, 2012.

PARAÍSO DO TUIUTI. **Desfile Completo de 2018**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RkVKiEzQMUw>. Acesso em 12 de agosto de 2018.

REZENDE, José Geraldo de; BRUSADIN, Leandro Benediti. A responsabilidade social das escolas de samba brasileiras e sua ação na comunidade paulistana. Contribuciones a las Ciencias Sociales, n. 30, oct-dec, 2015. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/2015/04/samba.html>. Acesso em 12 de agosto de 2018.

ROBSON, Peter. Women Lawyers on TV – the British Experience. **NAVEIÑ REET: Nordic Journal of Law and Social Research**, n. 5, p 101-116, 2014.

SOUSA, Ana Maria Viola de; NASCIMENTO, Grasielle Augusta Ferreira. Direito e Cinema - uma visão interdisciplinar. **Revista Ética e Filosofia Política**, n. 14, v. 2, p. 103-124, out., 2011.

STRECK, Lenio Luiz; TRINDADE, André Karan (org.). **Direito e Literatura: da realidade da ficção à ficção da realidade**. São Paulo: Atlas, 2012.

TRAMONTE, Cristiana. **O samba conquista passagem: as estratégias e a ação educativa das escolas de samba**. Petrópolis: Vozes, 2001.

TURETA, César; ARAÚJO, Bruno Félix von Borell. Escolas de Samba: trajetórias, contradições e contribuições para os estudos organizacionais. **Revista Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 20, n. 64, p. 111-129, jan.-mar, 2013. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/11230>. Acesso em 27 de junho de 2018

VALERIO, Nitrato Izzo. Interprétation, musique, droit: performance musicale et exécution de normes juridiques. **Revue Interdisciplinaire d'Études Juridiques**, v. 58, p. 99-127, 2007/1.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, Sociedad: luchas (de)coloniales de nuestra época**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, Ediciones Abya-Yala, 2009.

WOLKMER, Antonio Carlos. Pluralismo e crítica do constitucionalismo na América Latina. **Anais do IX Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Direito Constitucional**, Curitiba, ABDConst, 2011. p. 143-155.

WOLKMER, Antonio Carlos; HENNING, Ana Clara Correa. Aportes Saidianos para um Direito (Des) Colonial: sobre iconologias de revoluções e odaliscas. **Revista Sequencia**, Florianópolis, n. 77, p. 51-88, nov., 2017.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-293-7



9 788572 472937